

IMPERADORES ROMANOS

**Maria Aparecida de Oliveira Silva
Vagner Carneiro Porto**

(Organizadores)



LABHAN/UFPI – LARP/MAE/USP

2019

Imperadores Romanos, de Augusto a Marco Aurélio. Maria Aparecida de Oliveira Silva; Vagner Carvalheiro Porto (Orgs.) 1a Edição 2019 © desta coletânea: LABHAN/UFPI; LARP/MAE/USP Todos os direitos reservados

Capa: Detalhe da Ara Pacis Augustae. Roma

Foto: Maria Aparecida de Oliveira Silva

Imperadores Romanos, de Augusto a Marco Aurélio. Maria Aparecida de Oliveira Silva; Vagner Carvalheiro Porto (Orgs.) Teresina/São Paulo : LABHAN/UFPI; LARP/MAE/USP, 2019. ISBN: 978-85-60984-68-8 1. História antiga 2. História de Roma

Índices para catálogo sistemático: 1. História antiga 930

Sumário

Prefácio

José d'Encarnação

Apresentação

Os organizadores

Imperadores romanos

1. Augusto

Maria Cristina Nicolau Kormikiari e Felipe Perissato

2. Tibério

Julio Cesar Magalhães de Oliveira

3. Calígula – Loucura, Tirania e Poder, ou não?

Filipe Silva e Pedro Paulo A. Funari

4. Cláudio

Marcia Severina Vasques

5. *Initium saeculi felicissimi* no advento de Nero:

Apocolocyntosis* e a *Consecratio Imperial

Claudia Beltrão da Rosa

6. Galba, Oto e Vitélio

Maria Aparecida de Oliveira Silva

7. Vespasiano e o lado Oriental do Império

Vagner Carvalheiro Porto

8. As Múltiplas Faces do Imperador Romano Tito

Ana Teresa Marques Gonçalves e André Ricardo Nunes dos Santos

9. Domiciano

Pérola de Paula Sanfelice e Renata Senna Garraffoni

10. Nerva

Monica Selvatici

11. Trajano – *Optimus Princeps*

Glaysdon José da Silva

12. Adriano, o “pequeno grego” *sui generis*

Renato Pinto

13. Antonino Pio

Thiago David Stadler

14. Marco Aurélio: entre a Glória e o *Oblivium*

Gilvan Ventura da Silva

Posfácio

Henrique Modanez de Sant’Anna

Sobre os autores

A consciencialização necessária

Ocorrerá perguntar: porquê um livro sobre os imperadores romanos, quando vinte séculos passaram já sobre a sua existência, numa Europa tão diferente da actual? Que interesse daí poderá advir para o público brasileiro do século XXI?

Nossa mentalidade se formou, no entanto, a partir de Roma; não podemos negar nossas raízes, nossos arquétipos, e o facto de, amiúde, haver quem queira dar aos filhos nomes dos heróis da história romana disso constitui sintoma evidente.

Depois, há uma questão de cultura geral. Aspectos que não podem passar despercebidos, mesmo que apenas se trate aqui dos imperadores que reinaram desde Augusto a Marco Aurélio, ou seja, a partir do nascimento do Império até ao seu período áureo, o de maior expansão, no século II, resguardadas as contingências políticas pela possibilidade de uma quase sequência dinástica. Ter uma ideia do que foram esses dois primeiros séculos no vasto império que chegou a vir do rio Eufrates até às Ilhas Britânicas antoja-se, pois, qual serena aprendizagem de como, sem conflitos e no mútuo respeito, se consolida um império.

Augusto não teve receio em afirmar-se *Imperator Caesar Augustus: imperator*, porque lhe interessava reconhecer a origem militar do seu poder; *Caesar*, porque do pai adoptivo, César, de certo modo recebera o trono (a via hereditária); *Augustus*, porque, predestinado pelos deuses para arcar com essa missão, por eles fora abençoado, iria aumentar (*augere*) o bem-estar do Povo. Tibério, seu sucessor, já não quererá o título de *imperator*; preferirá acentuar o seu carácter de *civilis*; mas os militares, designadamente as tropas pretorianas, não vão permitir que essa tônica civil ganhe força e, paulatinamente, irão impor os seus chefes predilectos, a troco de benesses.

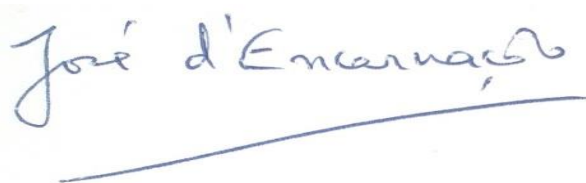
Após o período conturbado dos anos 68-69, em que se digladiam as forças em presença, os Flávios olham com mais atenção para as províncias, outorgam-lhes direitos mesmo do ponto de vista político, organizam o território, criam municípios e só o facto de Tito ter falecido prematuramente, dando lugar a seu irmão Domiciano, que não fora preparado para governar, fará com que o Senado ganhe preponderância e Nerva seja o escolhido para governar.

Compreende-se, então, em Roma, que algo mais havia para além da Península Itálica. E, no que mais directamente nos diz respeito, a Hispânia, porque – queira-se ou não – a tradição cultural brasileira bebeu nos mananciais hispânicos, dois aspectos poderão ser sublinhados, tamanha importância hoje lhes damos, na medida em que à nossa volta mui diferentes são as realidades palpáveis.

Prende-se o primeiro com o que poderíamos chamar «municipalização»: os Romanos apoiaram incondicionalmente o poder local; cada município ou colónia, dotados de magistrados próprios eleitos pela população (os duúnviros, os edis, os questores), estavam sob a dependência da *ordo decurionum*, a ordem dos decuriões, passível de comparar-se ao Senado. Eram decuriões os antigos magistrados, que ao saber da idade ajuntavam a experiência acumulada.

O segundo representa mais uma lição – e que lição! - para a Humanidade neste sangrento e ainda balbuciente dealbar do século XXI: a tolerância religiosa! Tinham os povos conquistados os seus deuses próprios, porque tal é inerente à natureza humana, deificar as forças da Natureza de que se depende: as fontes, os rios, as abstrações que nos passeiam na alma... Respeitaram-nos os Romanos recém-chegados e até ensinaram aos nativos como se poderiam escrever esses estranhos teónimos à maneira latina e como se lhes poderia fazer ex-voto de livre vontade para que a divindade mais facilmente se amercesse do seu devoto gentil.

Imperadores Romanos surge, por tudo isso, na altura melhor!

A handwritten signature in blue ink that reads "José d'Encarnação". The signature is written in a cursive style and is underlined with a single horizontal stroke.

Professor Catedrático da Universidade de Coimbra